



ETNOGRAFIAS: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE PESQUISAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Raquel da Silveira; Ariane Corrêa Pacheco

RESUMO

O objetivo com esse texto é apresentarmos reflexões sobre as nossas experiências com pesquisas etnográficas na Educação Física. A partir de relatos das investigações desenvolvidas no mestrado e que, atualmente, estamos desenvolvendo no doutorado, destacamos as diferenças nesses fazeres etnográficos. As especificidades dos objetos de estudo e as diferentes interlocuções teóricas nos demandaram formas distintas de estar em campo, de redigir os diários e de realizar o processo analítico das informações. Em nossos mestrados tínhamos como objetivos compreender os significados atribuídos por mulheres para a prática do voleibol e do futsal em equipes amadoras e, para isso, realizamos pesquisas em que buscávamos as regularidades, intensidade e relevância com que alguns elementos se faziam presentes nos universos investigados. Em nossas pesquisas durante o doutorado estamos buscando ‘seguir’ as ciências da Educação Física e o talento esportivo. Mediante esses temas nos aproximamos dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia, os quais nos provocaram a fazer etnografias em que as descrições assumem forma de ‘redes’ de humanos, não-humanos e controversias. Enfim, ao compararmos nossas ‘experiências etnográficas’ percebemos que os objetos de estudos e os embasamentos teóricos nos convidam a modificarmos as nossas ações na condição de pesquisadoras.

PALAVRAS-CHAVE: etnografia; ciência; talento esportivo.

ABSTRACT

This text aims at introducing reflections about our experiences with ethnographic researches on Physical Education. From reports on investigations developed over the Master degree and that, at present, we are making in the Doctorate, we point out



differences within such ethnographic practices. The specificities of the study objects and the different theoretical interlocutions have required from us to use distinct ways of visiting the field, of writing the diaries and of doing the information analytical process. Upon the Master degree, the objective was to understand the meanings attributed by women to volleyball and futsal practices among amateur teams. For such purpose, we carried out researches whereby we looked for regularities, intensity and relevance with which some elements marked their presence in the investigated universes. In our Doctorate research, we intend to 'follow-up' the sciences of Physical Education and the sportive talent. These themes have led us to approach the Social Studies of Science and Technology which triggered us to make ethnographies where the descriptions take over the form of 'networks' with humans, non-humans and controversies. Thus, when comparing our 'ethnographic experiences', we perceive that the study objects and the theoretical foundations invite us to modify our actions while research subjects.

KEYWORDS: *ethnography; science; sportive talent.*

RESUMEN

El objetivo con este texto es presentar reflexiones acerca de nuestras experiencias con investigaciones etnográficas en la Educación Física. Desde relatos de las investigaciones desarrolladas en la maestría y que, actualmente, estamos desarrollando en el doctorado, destacamos las diferencias en esos haceres etnográficos. Las especificidades de los objetos de estudio y las diferentes interlocuciones teóricas demandaron de nosotros formas distintas de estar en campo, de redactar los diarios y de realizar el proceso analítico de las informaciones. En nuestras maestrías, teníamos el objetivo de comprender los significados atribuidos por mujeres a la práctica del voleibol y del futsal en equipos amadores y, para eso, realizamos investigaciones en que buscábamos las regularidades, intensidad y relevancia con que algunos elementos se hacían presentes en los universos investigados. En nuestras investigaciones durante el doctorado estamos buscando 'seguir' las ciencias de la Educación Física y el talento deportivo. Mediante estos temas nos aproximamos de los Estudios Sociales de la Ciencia y Tecnología, los cuales nos han



provocado a hacer etnografías en que las descripciones asumen forma de ‘redes’ de humanos, no-humanos y controversias. En fin, al comparar nuestras ‘experiencias etnográficas’ percibimos que los objetos de estudios y los sustentos teóricos nos invitan a modificar nuestras acciones en la condición de investigadoras.

PALABRAS CLAVES: etnografía; ciencia; talento deportivo.

INTRODUÇÃO

A etnografia é uma forma de fazer pesquisa de cunho qualitativo que vem sendo utilizada em muitas investigações que se ocupam de temáticas da Educação Física. Em 2007 dois artigos foram publicados sobre os usos da etnografia nas pesquisas da Educação Física. Oliveira e Daólio, ao partirem de um entendimento de etnografia embasados principalmente em Clifford Geertz, problematizaram certo reducionismo que algumas pesquisas da Educação Física parecem fazer dessa forma de investigação científica, uma vez que compreendem a etnografia enquanto “mera descrição cultural, ou aplicação de um conjunto de técnicas de coleta de dados” (2007, p. 137). Já, Stigger, também embasado em Clifford Geertz e outros antropólogos que possuem entendimentos próximos desse autor sobre o que consiste a etnografia, destaca as contribuições que os pressupostos teórico-metodológicos e a pesquisa de campo dos estudos etnográficos trazem para as pesquisas sobre esporte e lazer. Esses dois artigos, apesar de terem pautado temas diferentes, mostram que em 2007 a pesquisa etnográfica já estava difundida na Educação Física e merecia, de alguma forma, ser incluída nas discussões que envolvem o fazer científico da área.

Nesse sentido, estamos propondo neste artigo uma discussão a partir das nossas vivências com pesquisas etnográficas na condição de ‘pesquisadoras em formação’ em Educação Física. Participamos do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) que, desde sua origem em 2001, desenvolve estudos etnográficos sobre temas diversos da Educação Física. Nossas trajetórias de formação foram feitas tanto a partir das disciplinas e atividades oferecidas pelo programa de pós-graduação em Educação Física que estamos vinculadas quanto pela nossa participação neste grupo de pesquisa, pois foi no



interior desse grupo que aprendemos, debatemos e problematizamos especificamente o fazer etnográfico. Assim, nossa proposta é relatar nossas experiências nas pesquisas que realizamos no mestrado e também nas pesquisas que, atualmente, estamos desenvolvendo no curso de doutorado.

Consideramos relevantes trazer esses ‘relatos de experiência’¹ porque, ao longo do período de doutoramento, nos aproximamos dos chamados Estudos Sociais da Ciências e Tecnologia (ESCT)², os quais nos provocaram a modificar nossas atuações nas pesquisas etnográficas que estamos desenvolvendo. Principalmente a partir da leitura da obra “Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora” de Bruno Latour passamos a experimentar diferentes maneiras de ‘estar em campo’ e de ‘seguir’ nossos objetos de pesquisa. O que observar, as formas de redigir os diários de campo e, especialmente, o processo de acompanhar os rastros deixados por nossos objetos, interlocutores e ações, de humanos e não-humanos, foram sendo alterados neste fazer etnográfico. Para refletir sobre essas modificações apresentamos primeiramente as duas experiências etnográficas que realizamos em nossos mestrados, enfatizando aspectos teóricos-metodológicos que guiaram nossas ações. Após, relatamos as pesquisas que estamos desenvolvendo em nossos doutorados mostrando as diferenças dos aspectos teóricos-metodológicos que estão nos conduzindo, os quais são fruto da interlocução que estabelecemos com os ESCT. Para finalizar, explicitamos algumas problematizações que comparar esses diferentes fazeres etnográficos nos provocam.

A BUSCA PELO SIGNIFICADO: O RELATO DE PESQUISAS ETNOGRÁFICAS SOBRE MULHERES PRATICANTES DE VOLEIBOL E FUTSAL

¹ Neste texto, optamos pelo uso da primeira pessoa do plural (nós) para conduzir os relatos na intenção de facilitar a compreensão do leitor. No entanto, cabe ressaltar que os trabalhos de campo foram desenvolvidos individualmente.

² Sucintamente, é possível caracterizar os ESCT como um “campo multidisciplinar” (HAYASHI *et al*, 2010, p. 78), que surgiu na década de 1970, formado por pesquisadores/as que se dedicaram a compreender as ciências a partir de alguns preceitos em comum. Alguns dos principais integrantes desse modo de analisar as ciências são David Bloor, Barry Barnes, Harry Collins, Michel Callon, Bruno Latour, John Law, Donna Haraway e Annemarie Mol.



A primeira experiência etnográfica se refere a uma pesquisa realizada entre os anos de 2010 e 2012³. Dentre esse período, 13 meses foram dedicados à convivência sistemática com um grupo de mulheres, com idades entre 32 e 65 anos, que formavam uma equipe vinculada à Liga Master Feminina de Voleibol da cidade de Porto Alegre/RS.

No primeiro momento, a construção dessa pesquisa esteve alicerçada em problematizações que envolviam o esporte e o envelhecimento. Eram as relações entre tais temáticas, definidas *a priori*, que pautavam as perguntas iniciais e que nos conduziram a escolher uma equipe máster para desenvolver o trabalho. No entanto, na medida em que íamos participando do cotidiano daquelas mulher, as discussões sobre o processo de envelhecimento foram perdendo a centralidade, pois, para elas, não era um assunto em discussão ou que tangenciava as conversas.

Essa equipe era formada por, aproximadamente, quinze mulheres que se reuniam duas vezes por semana para os treinamentos, participavam de jogos amistosos e campeonatos aos finais de semana. Esse grupo fazia parte da Liga Máster, uma organização independente que contava o engajamento/trabalho de mulheres pertencentes às doze equipes que a estruturavam. A Liga organizava dois campeonatos durante o ano e estabelecia uma idade mínima de participação de 32 anos. Dentre alguns dos requisitos para que as mulheres pudessem pertencer à Liga, estava o compromisso de frequentar as etapas de jogos, o pagamento de taxas de inscrição e arbitragem e a disponibilidade em reservar o último sábado de cada mês para os jogos. Além desses momentos ‘em quadra’, a equipe se reunia em diferentes momentos festivos, alguns já estavam agendados, mas outros eram combinados sem aviso prévio.

O período de observação participante, no qual fomos assumindo diferentes ‘lugares’ dentro do grupo, o diálogo com a teoria e a produção do diário de campo, que continha uma reflexão sistemática sobre o que ‘olhávamos’, ‘ouvíamos’ e ‘escrevíamos’⁴,

³ Pacheco (2012).

⁴ Ao falar do processo de trabalho de campo, uma referência significativa para a pesquisa foi o trabalho de Cardoso de Oliveira (2006) que nos mostra que, no processo da pesquisa etnográfica, aprendemos a ‘olhar’, ‘ouvir’ e a ‘escrever’ e que tais ações se tornam “atos cognitivos” sobre os quais se constroem os saberes e que esses ‘atos’ são ‘disciplinados’ no decorrer do campo.



nos levou a perguntar: como um grupo de mulheres se sustentava enquanto equipe e mantinha-se pertencente ao cenário da Liga?

A construção dessa pergunta, e as regularidades que buscávamos para respondê-la, estavam orientadas pelo conceito de cultura definido com um ‘contexto’⁵, no qual há significados que são compartilhados, mesmo que de forma irregular e, por vezes, conflituosa, que orientam/conduzem as relações sociais. Sendo assim, estávamos em busca dos ‘significantes’ e dos ‘sentidos’ que poderiam nos oferecer pistas para compreender a maneira de viver o voleibol daquelas mulheres.

Para aquele grupo se sustentar com uma equipe era preciso manter uma rotina dentro e fora das quadras. Se exigia um rendimento esportivo mínimo e legítimo dentro das quadras e, não menos significativo, era indispensável ‘saber estar’ entre as mulheres fora do espaço das quadras para sustentar-se naquela coesa rede de sociabilidade. As ‘categorias teóricas/empíricas’⁶ que procuraram oferecer um retorno à problematização da pesquisa, nos conduziram ao diálogo com o tema do ‘lazer’, especialmente no que se refere à complexidade da vida social, que borra fronteiras entre trabalho, família e lazer, e sobre a seriedade que envolvia aquele tempo/espaço reconhecido como ‘de lazer’.

O segundo relato, diz respeito a pesquisa etnográfica concluída no ano de 2008 sobre o associativismo de mulheres praticantes de futsal em seus momentos de lazer. A escolha por esse tema ocorreu, principalmente, devido os questionamentos que nos fazíamos sobre a ‘generificação’ dos esportes, em especial, sobre os esportes “socialmente considerados masculinos” (SILVEIRA, 2008, p. 29), como o caso do futebol no Brasil (e seus derivados, por exemplo, o futsal). Na época dessa pesquisa identificamos que havia poucos estudos que pautavam a prática dos esportes ‘ditos masculinos’ por mulheres. Assim, a partir do objetivo de compreender “como e porque mulheres se associam para praticar um esporte socialmente considerado masculino” (SILVEIRA, 2008, p. 38)

⁵ A base teórica para tal definição se refere, principalmente, ao trabalho de Geertz (1989).

⁶ As categorias, definidas a partir do trabalho de campo, foram: ‘A rotina da quadra’; ‘Onde vamos hoje?’ e ‘A equipe na Liga’ – cada uma dessas categorias foi construída a partir de regularidades que ajudavam a compreender a lógica cotidiana daquela equipe e das mulheres que dela faziam parte.



desenvolvemos uma etnografia junto a um time amador de futsal da cidade de Porto Alegre, composto de 22 mulheres e dois homens (o treinador da equipe e o esposo de uma das jogadoras) que se encontravam semanalmente, aos sábados, para treinar e jogar em competições amadoras.

A observação participante realizada junto ao time teve a duração de um ano e, nesse período, acompanhamos os treinos, as competições e alguns encontros festivos. As questões que conduziram as nossas ações/olhares durante as observações foram: quem eram essas mulheres que optavam praticar futsal em seus momentos de lazer? De que maneira elas praticavam o futsal? Quais eram seus objetivos? O que as mantinham participando e organizando o time? Quais eram as regras, acordos e relações que estavam presentes na equipe? Mediante essas questões ficávamos atentas para os diálogos, os modos de treinar e de competir e as relações entre essas mulheres, para assim, compreender os significados daquele esporte e do associativismo estabelecido e mantido por elas. Após cada observação redigíamos um diário de campo com as descrições das situações que havíamos vivenciado, com os relatos das sensações e sentimentos que tínhamos e com algumas reflexões que elaborávamos na intenção de contemplar as questões norteadoras da pesquisa. A partir desse trabalho de campo, os aspectos identificados fundamentais para compreender aquela associação de mulheres praticantes de futsal versaram sobre: o esporte, a homossexualidade e a amizade.

Esses aspectos surgiram de um processo analítico em que buscávamos elencar ‘categorias de análises’ com base nas regularidades, intensidade e relevância com que esses aspectos se faziam presente naquele universo. Assim, pudemos identificar diferentes maneiras com que as mulheres praticavam futsal, as quais ora voltavam-se para a seriedade ora para a brincadeira; ora para a busca pelo rendimento esportivo ora para o divertimento. Também compreendemos que o espaço/tempo vivenciado no time e nas competições se apresentavam privilegiados para os momentos de lazer de mulheres homossexuais, pois lá os preconceitos homofóbicos eram minimizados. E, por fim, percebemos que os laços de amizade constantemente estabelecidos e fortificados no time eram fundamentais para manter aquele coletivo.



As duas pesquisas, resumidamente descritas desse tópico, procuraram construir, cada uma em sua particularidade, determinadas ‘lógicas de funcionamento’ produzidas pelas pesquisadoras por meio da identificação de regularidades, isto é, haviam elementos (significados) que recorrentemente estavam intermediando as relações entre nossas interlocutoras. Cabe destacar que ambos os grupos, de mulheres jogadoras de voleibol máster e de mulheres que jogavam futsal, foram ‘circunscritos’ a partir de nossas descrições e, nesse processo, fomos construindo um contexto, diretamente ligado com uma maneira de pensar a cultura, que ‘estava lá’ e o fomos tentar aprender e achar pistas conduzir as problematizações ligadas à debates teóricos, especialmente relacionados ao esporte, lazer e gênero.

A BUSCA POR ELEMENTOS E ASSOCIAÇÕES: O RELATO DE PESQUISAS ETNOGRÁFICAS SOBRE O FAZER CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E SOBRE O TALENTO ESPORTIVO

De maneira diferente das pesquisas relatadas anteriormente, as investigações que desenvolvemos em nossos doutorados envolvem temas que nos direcionaram a estabelecer uma interlocução com os Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT). Ao elegermos como objetos de estudo a ciência da Educação Física e o talento esportivo, sentimos a necessidade ao longo do processo etnográfico de não nos restringirmos a determinado coletivo e aos significados que atribuem a ciência ou ao talento esportivo. Pautadas, principalmente, pela obra de Bruno Latour, passamos a considerar que uma etnografia sobre esses objetos demanda acompanhá-los/seguir-los nos diferentes espaços/tempos em que acontecem. Mediante essa ação e embasadas nos preceitos dos ESCT, percebemos que os modos com que conduzimos o trabalho de campo e as reflexões que dele fazemos modificaram-se, se compararmos com nossas experiências etnográficas que vivenciamos em nossos mestrados.

Na pesquisa referente à ciência da Educação Física, o primeiro passo teórico-metodológico que a leitura de Latour nos provocou a fazer diz respeito ao “momento certo” (LATOURE, 2000, p. 12) com que se deve começar um estudo sobre ciência. Para o



autor, é necessário acompanhar a ‘ciência em construção’. A “ciência pronta ou ciência acabada” (2000, p. 16) torna-se uma ‘caixa-preta’⁷, em que as incertezas, o trabalho, as decisões, as contingências, as disputas e as controvérsias são apagadas e tornam-se invisíveis quando se olha para o ‘produto final’: o fato científico. Assim, com o objetivo de compreender de que modo se faz ciência na Educação Física, optamos em seguir cientistas no seu cotidiano. Para isso, acompanhamos os/as pesquisadores/as de dois grupos de pesquisa reconhecidos na Educação Física brasileira no período de maio de 2013 até setembro de 2014.

No início do trabalho etnográfico junto a esses grupos, percebemos que, ao ter como objeto de estudo a ciência em construção, as observações demandavam uma ampliação do olhar, pois era preciso abarcar não somente um grupo de pessoas – os/as cientistas –, mas, também, não-humanos⁸ e controvérsias⁹. Pesquisadores/as, livros, documentos, eletromiógrafos, escolas, dinheiros, gráficos, computadores, telefones, questionários, amostras, gravadores, professores além de comporem as pesquisas dos grupos investigados, possuem a capacidade de modificar as ações que estão acontecendo no dia a dia da ciência que vivenciam¹⁰. Em decorrência desse entendimento, a nossa busca ao longo do trabalho de campo voltou-se para identificar os elementos presentes (humanos,

⁷ A ideia de ‘caixa-preta’ utilizada por Latour é uma metáfora que nos ajuda a pensar em algo que foi se tornando tão complexo e, ao mesmo tempo, ‘estável’ que não se torna necessário definir, mas que se precisa utilizar. Nas palavras do autor: “a caixa-preta é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar é desenhada uma caixinha-preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, a não ser o que nela entra e o que dela sai” (LATOUR, 2000, p.14).

⁸ Não-humano é um termo utilizado nos ESCT para referir-se a todo e qualquer elemento que constitui e possui a capacidade de modificar alguma ação. Ele é empregado para diferenciar-se do termo objeto, entendido, como inanimado, sem capacidade de agir. Ver Latour (2001).

⁹ Esse termo está relacionado com ‘fatos’ que estão em debate para serem estabilizados em determinada comunidade científica, para assim poderem ser adjetivados de científicos. De maneira breve, pode-se compreender que controvérsia é um estado, pois, o processo de estabilização é sempre temporário. Em muitas descrições sobre produção de fatos científicos realizadas por Latour, por exemplo, há a expressão “abrir uma controvérsia”, a qual expressa essa dinamicidade com que um fato pode, ou não, se tornar ou deixar de ser científico. Ver: Latour & Woolgar, 1997 e Latour, 2000.

¹⁰ Essa capacidade de modificar uma ação é definida nos ESCT pelo termo ‘agência’. Chamamos a atenção para o fato de que ter ou não ‘agência’ não é um atributo do elemento em si, mas sim dos vínculos/associações que ele estabelece.



não-humanos ou controvérsias) e as maneira com que eles se associavam. As perguntas que guiaram o nosso agir durante as observações foram: o que mantem as ciências que acompanhávamos? Que elementos eram/são lá associados? Que controvérsias estão em debates?

As descrições, nos diários de campo, assumiam a forma de ‘redes’ em que conforme seguíamos algum elemento essas ‘redes’ ganhavam novos formatos, dimensões e temporalidades. Descrever ‘redes’ tornou-se uma importante ferramenta teórico-metodológica que nos permitiu enxergar as associações dos diferentes elementos que, na prática, criavam, mantinham e alteravam as ciências da Educação Física que estávamos acompanhando. Note que, a partir dessas mudanças no fazer etnográfico, passamos a nos referir as ciências da Educação Física no plural. Ao investigar a ciência em construção percebemos que os grupos de pesquisa que acompanhávamos faziam, na prática, ciências diferentes. Os elementos e associações que as mantinham eram/são distintos.

As mudanças na forma de estar em campo e de refletir sobre o que lá acontece trouxeram implicações importantes para os conhecimentos que estamos construindo nessa pesquisa. A experiência de etnografia que estamos vivenciando ao ter como objeto de estudo a ‘ciência em construção’, ao ampliar o olhar para humanos, não-humanos e controvérsias; ao buscar seguir esses elementos; e ao realizar descrições em formatos de ‘redes’ nos remete a realizar um processo analítico distinto se comparado com aquele realizado nas pesquisas relatadas anteriormente. Nosso fazer, nesse momento em que nos encontramos no processo de análise das informações, volta-se para a descrição dos elementos e associações que mantem e tornam legítimas as ciências da Educação Física que investigamos.

Em relação à pesquisa sobre o talento esportivo, o olhar para esse objeto foi se distanciando de uma análise ligada a marcadores biológicos ou socioculturais que poderiam definir um ‘conceito’ e, especialmente, oferecer bases ‘teóricas’ para um processo de detecção e treinamento de pessoas ‘chanceladas’ por um potencial ou trajetória particular. Sendo assim, a problematização que inicialmente estava ligada à definição do que consiste o talento, passou a ser ‘seguir’ um enunciado que vem atravessando, de



alguma maneira, o esporte de alto rendimento, a formação legislativa e a história da Educação Física, os canais de comunicação e determinadas práticas científicas.

Esse processo etnográfico, que vem nos levando a seguir um objeto difuso, necessitou de um recorte que tornasse viável perceber os elementos e as associações nas quais a noção de talento integra e produz ações. Nesse sentido, passamos a acompanhá-lo em um Clube da cidade de Porto Alegre/RS vinculado ao esporte de alto rendimento, especificamente, em quatro modalidade esportivas (esgrima, natação, ginástica artística e remo) com atletas que participaram ou que estarão nos Jogos Olímpicos de 2016. Além do trabalho de campo vinculado ao dia a dia de atletas, passamos a olhar para processos governamentais que foram estabilizando uma noção de talento em projetos executivos e legislativos relacionados ao esporte. Outro ponto significativo nessa trajetória do trabalho de campo são as discussões sobre o talento ligadas ao fazer científico da Educação Física, ou seja, a intenção vem sendo seguir como um processo de ‘purificação’ vai constituindo um ‘conceito’ para talento esportivo e o mantendo, relativamente, estável e de interesse de investimentos públicos para o fomento de diferentes pesquisas. Por fim, buscamos olhar para a comunicação midiática relacionada ao objeto ou às modalidades e como associações são produzidas na veiculação de informações.

Nesse fazer etnográfico, os diários de campo e as reflexões estão, aos poucos, deixando de pautar as regularidades, as ‘visões de mundo’ compartilhadas em um contexto e a circunscrição de espaços. A observação desloca-se no espaço, pois o talento está em circulação, e movimenta-se no tempo. A intenção deixou de ser definir o talento esportivo e passou a ser ‘seguir’ os seus rastros a partir da ação de humanos e não-humanos. O ‘olhar’, ‘ouvir’ e ‘escrever’, que já nos referimos no decorrer desse texto, modificam-se e passam a perceber e a ganhar descrições nas quais diversos elementos vão sendo relacionados e os mediadores¹¹ passam a ser descritos ‘em ação’.

¹¹ A definição de mediadores é basilar dentro da teoria ator-rede, pois os mediadores são atores que induzem outros ao movimento, que os levam a fazer coisas. Para Latour “os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (2012, p.65).



As implicações teórico-metodológicas que foram escolhidas para a trajetória dessa pesquisa se constituíram como uma maneira de tentar de abrir uma ‘caixa-preta’ que foi se tornando cada vez mais opaca na Educação Física, mas que permanece produzindo e conduzindo ações, como, por exemplo, projetos de pesquisa, treinamentos, políticas sociais relacionadas ao esporte, aulas na escola, oportunidades, formação de atletas etc.

Enfim, ao nos desafiar a compreender a ciência da Educação Física e o talento esportivo percebemos, em conjunto com a interlocução com os ESCT, que o fazer etnográfico para esses objetos de estudos nos demandariam ações, olhares e processos analíticos diferentes dos que até então havíamos realizado. Conforme consideram Fonseca & Sá “para entender os fenômenos complexos da nova ordem mundial” (2011, p. 7) parece ser necessário nos aproximarmos de abordagens analíticas em que a realidade não seja entendida “como resultado de fatores puramente sociais (representações), ignorando a materialidade (ou *agency*) de fenômenos ‘não-humanos’ (...) tampouco aceitam análises calcadas nos ‘fatos brutos’ do mundo natural que não levam em consideração a influência humana em sua formação” (2011, p. 9). Assim, ao seguirmos a ciência da Educação Física e o talento esportivo em nossas pesquisas etnográficas, passamos a compreendê-los como objetos ‘híbridos’, em que deixaram de ser ‘puros’, e tornaram-se, em nossos processos analíticos, objetos que combinam elementos de diversos domínios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: IMPLICAÇÕES DE RELATAR EXPERIÊNCIAS ETNOGRÁFICAS

Ao refletirmos sobre nossos processos de formação de pesquisadoras em Educação Física, em especial, sobre as experiências etnográficas que tivemos durante o mestrado e estamos vivenciando no doutorado, nos levam a considerar que essa forma de fazer pesquisa traz importantes contribuições para os temas/objetos relacionados à área. A etnografia ao ser apropriada por pesquisadores/as da Educação Física se apresenta como uma potente maneira produção de conhecimento, e por isso, insere-se em uma agenda de discussão sobre modos e possibilidades com que pode ser realizada. Percebemos com nossas trajetórias acadêmicas que há diferentes maneiras de fazer/pensar/vivenciar uma



experiência etnográfica quando pauta-se objetos caros à Educação Física, distanciando-se de uma compreensão de que a escolha teórica metodológica pela etnografia é imparcial, desinteressada e/ou descomprometida. Assim, com os relatos de nossas pesquisas identificamos alguns pontos que precisam ser considerados quando se opta pela etnografia para se produzir conhecimento. Esses pontos dão visibilidades para um entendimento de que o fazer etnográfico se insere em complexas relações que integram todo o processo de uma pesquisa, desde a trajetória do/a pesquisador/a; a aproximações teóricas; a leitura sobre o objeto em estudo; as intencionalidades com a pesquisa; entre outros.

Consideramos, portanto, que dentre os pontos que levam um/a pesquisador/a a escolher a etnografia se refere a indissociabilidade entre objeto e teoria, isto é, a maneira de olhar, fazer, analisar entrelaça matrizes teóricas com o tema que se coloca em pauta. Nesse sentido, a pergunta que propomos é ‘o que se ‘ganha’ quando se modificam os entrelaçamentos?’. Conforme os relatos percebemos que, no decorrer das pesquisas ligadas à análise simbólica buscávamos e encontramos regularidades que nos permitiram construir um ‘universo’ que ‘estava lá’, que o localizamos em um espaço/tempo e, assim, tentamos torna-lo ‘inteligível’. As implicações desse processo nos permitiram oferecer elementos para colocavam a seriedade em pauta nos debates sobre o lazer, assim como, nos permitiram identificar regularidades que sustentavam um grupo de mulheres praticantes de esportes ‘ditos masculinos’.

Por outro lado, ao investigarmos a ciência da Educação Física e o talento esportivo nos aproximamos dos ESCT e, com isso, passamos a seguir os rastros deixados por humanos, não-humanos e controvérsias que estão em ação. Nessa trajetória, buscamos e estamos encontrando elementos e associações dinâmicas, fluídas e imprevisíveis que vão sustentando, em longo prazo, esses objetos de estudo estabilizados ao ponto de se manterem existindo. Até o momento, as implicações que podemos apontar se referem a uma a escolha por colocar, a priori, elementos de diferentes domínios e escalas sob uma perspectiva simétrica em que as noções de macro e micro, natureza e cultura, teoria e prática passam a ser, por nós, entendidas de maneira híbrida.



REFERÊNCIAS

- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (org.). **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2006.
- FONSECA, C.; SÁ, G. Apresentação. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 17, n. 15, p. 7-23, jan./jun. 2011.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- LATOUR, B. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- LATOUR, B. **A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.
- LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.
- LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Tradução Ângela Ramalho Vianna. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- OLIVEIRA, R. C.; DAÓLIO, J. Pesquisa etnográfica em Educação Física: um (re)leitura possível. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, [s.l], v. 15, n. 1, p. 137-143, 2007.
- PACHECO, A. C. **“É lazer, tudo bem, mas é sério”**: o cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2012.
- SILVEIRA, R. **Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino**. 2008. 156f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- STIGGER, M. P. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J., SILVEIRA, R. **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 31-50.



ENDEREÇO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
Rua Felizardo Furtado, 750 – Jardim Botânico – Porto Alegre
LAPEX – Sala 106b
E-mail: raqfurg@gmail.com | arianepacheco@gmail.com
Recurso tecnológico: computador e *datashow*